

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA

GABRIELLY SANTOS DE OLIVEIRA

DANÇA E MASCULINIDADE: A INVISIBILIDADE DOS MENINOS
EM AULAS DE BALLET NA ESCOLA

Aracaju-SE

2025

GABRIELLY SANTOS DE OLIVEIRA

**DANÇA E MASCULINIDADE: A INVISIBILIDADE DOS MENINOS
EM AULAS DE BALLET NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como Artigo, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança como pré-requisito para a obtenção de título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientadora: Profa. Dr^a. Jussara da Silva Rosa Tavares.

Aracaju-SE

2025

GABRIELLY SANTOS DE OLIVEIRA

**DANÇA E MASCULINIDADE: A INVISIBILIDADE DOS MENINOS EM AULAS DE
BALLET NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Dança.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Jussara da Silva Rosa Tavares
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profª Drª Edna Maria do Nascimento
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profº Ms. Paulo Sérgio Santos de Lacerda
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aracaju-SE

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão primeiramente a Deus, e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mãe Josinete dos Santos, que sempre lutou e fez o impossível pelos meus estudos e minha educação, sendo fielmente minha maior base e minha confidente, ao meu irmão Douglas Santos de Oliveira que nunca me deixou desistir, que me ensinou constantemente a persistir, correr atrás das minhas conquistas e a entender que a família é o nosso maior porto seguro. Chegou ao fim mais um ciclo da minha vida e eu só tenho a agradecer a minha mãe e meu irmão, por sempre estarem ao meu lado, me proporcionando o abraço e o colo nas horas de necessidade e fragilidade. Amo vocês mais que a mim.

A Wesley Soares, que atualmente é mais que um amor, é abrigo e força no meu caminho. Obrigada por ter feito parte deste processo de forma tão leve, me ajudando das maneiras mais inusitadas e me dando sempre o suporte necessário, me passando seus conhecimentos, e promovendo a maior calma e intensidade que um amor poderia proporcionar, estou grata por tanto que fez em minha vida. Te amo.

À Jaqueline Lima, atualmente professora graduada em dança pela Universidade Federal de Sergipe, que mesmo sem saber foi a primeira pessoa a me incentivar na área de licenciatura, confiando em mim e no meu trabalho, me concedendo oportunidades que fizeram grande diferença em minha vida.

À minha maravilhosa orientadora, a professora Dr^a Jussara da Silva Rosa Tavares, que sempre esteve próxima, confiando em mim e me ensinando a confiar em mim mesma, me mostrando que sou capaz de tudo, me fazendo entender que está tudo bem em ter momentos de fraqueza. É inexplicável o quanto você fez por mim. Vai ter sempre um espaço em meu coração para você.

Aos professores da (UFS) do curso de Licenciatura em Dança, que compartilharam mais que conhecimentos, mas também amor na forma de ensino, por me instruírem a gostar da minha profissão.

Às minhas amigas/irmãs que Deus me concedeu no ambiente universitário, Francielle Eloy e Isadora Ataíde. Obrigada por me estenderem sempre a mão nos momentos de dor e alegria, por fazerem parte não somente da minha vida acadêmica, mas também do meu dia a dia, por serem minha segunda casa e por acreditarem sempre e sem dúvidas no meu melhor.

Aos meus amigos de curso Mirelle Matos, Renata Feitosa, Leandro Matos, Larissa Lima, Elizabeth Franco, que mesmo de forma momentânea facilitaram toda a vivência desse ciclo, me concedendo ótimos momentos e boas memórias.

Aos membros da minha graciosa banca, Professor Ms. Paulo Sérgio Santos de Lacerda e a professora Dr^a Edna Maria do Nascimento, por terem proporcionado bons ensinamentos que carrego pela vida e pela disposição em compartilhá-los.

Enfim, agradeço a mim que em meio a tantas dificuldades ao longo dos anos, nunca desisti e a todos que mesmo sem ter conhecimento me ajudaram a evoluir neste processo de forma cativante. Vocês também merecem o mérito dessa conquista.

RESUMO

Esta pesquisa parte da minha experiência e observação enquanto professora de dança, da falta ou pouca participação de meninos em aula de ballet na escola, por esta razão ela parte do seguinte problema: quais são os fatores que contribuem para a baixa adesão de meninos nas aulas de dança, nas escolas privadas “Colégio Integração e escola Flor do Campo” em Aracaju-SE, e como esses fatores perpetuam estereótipos de gênero? Em razão deste questionamento, este estudo tem como objetivo pontuar e refletir sobre os aspectos que se apresentam como barreiras para a ausência de meninos nas aulas de dança em atividades complementares nas escolas. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura a partir da relação entre ballet e participação masculina, e por uma pesquisa de campo do tipo descritiva realizada nas escolas supracitadas. A pesquisa revelou que a baixa adesão de meninos ao *ballet* é causada por estereótipos de gênero, resistência familiar, e a segregação das atividades por gênero nas escolas. A associação da dança à feminilidade e a falta de modelos masculinos são fatores que dificultam a participação masculina.

Palavras-chave: Dança. Ballet. Estereótipos de gênero. Educação. Inclusão.

1 ABRINDO AS CORTINAS

A dança enquanto linguagem artística e pedagógica, desempenha um papel crucial no desenvolvimento motor, cognitivo, expressivo e social de crianças, jovens e adultos. Também favorece aspectos como a musicalização, criatividade e por fim o próprio conhecimento sobre a dança. Como destaca Marques (2003, p.45), “a dança, enquanto prática educativa, possibilita a expressão de sentimentos, a comunicação não verbal e a construção de conhecimento por meio do movimento, contribuindo para a formação integral do indivíduo”.

Aulas de dança com dinâmicas lúdicas tornam-se mais atrativas e satisfatórias para o interesse infantil, com isso, a sua prática promove experiências estéticas, criando consciência corporal, desenvolvendo a expressão individual e coletiva, noções de espaço e lateralidade.

“Portanto, quando a dança é integrada no contexto educacional, ultrapassa o ensino e aprendizado focado somente nas técnicas, pois possibilita a criança a descoberta de seu próprio corpo numa relação com os demais corpos e o mundo, conduzindo-a a um estado de plenitude e ludicidade na atividade (Luckesi, 2025; Rodrigues, Oliveira e Tavares, 2015).”

Aos meus 4 anos de idade já praticava aulas de *ballet*¹ em uma escola no município de Nossa Senhora do Socorro no estado de Sergipe, por meio do Projeto Arte na Escola, que se transformou em um Programa, depois de 9 anos migrei para as aulas de jazz e percebi naquela época que gostaria de seguir com a dança em minha vida, pois apesar de ser nova, a dança me proporcionou muitas habilidades e me instigou a me expressar, o que me fazia muito feliz. Nesse sentido, a dança no ambiente escolar me possibilitou a vivência de experiências que foram muito além do aspecto físico, envolvendo também a dimensão emocional, social e cultural.

Minha jornada na dança, que durou dos 4 aos 15 anos de idade, acabou me impulsionando ao interesse pela Licenciatura em Dança, pois em meio a tantas vivências, algo me chamou a atenção, era um tanto raro ver meninos praticar o *ballet*, algo que, até então, eu considerava natural.

Mudei de cidade e vim morar na capital, o que fez com que eu me afastar da dança, visto que a minha participação em aulas de dança era possível porque o Projeto de Arte na Escola acontecia nas escolas públicas do município de Socorro, de forma gratuita, e a minha vinda para Aracaju não permitiu que eu continuasse nas aulas de Dança, pois esta prática

¹ *Ballet*- O termo francês que é decorrente do verbo italiano ballare (bailar ou dançar) (Lisboa, 2010).

acontece normalmente em academias particulares, ou em algumas escolas privadas, daí acabei me afastando da dança e todo meu interesse nesta área ficou adormecido. Somente em 2020, ao ingressar na Universidade Federal de Sergipe (UFS), para o curso de Licenciatura em Dança, fui motivada em me graduar por sempre ter envolvimento com essa arte e incentivo da minha família, só então meu interesse e continuidade de investigação no campo da Dança surgiu novamente.

Embora tenha estado imersa no mundo das artes desde a infância, foi no ambiente universitário que essa predileção se consolidou, especialmente por meio das oportunidades que tive em atuar na área desejada, a própria docência. No entanto, durante a minha trajetória profissional em algumas escolas particulares de Aracaju/SE, em que tive a oportunidade de ministrar aulas de *ballet*, a exemplo do Colégio Integração e da Escola Flor do Campo (nomes fictícios dados as escolas por questões éticas), percebi a ausência de estudantes do gênero masculino nas aulas de *ballet* que eu ministrava, o que me levou a pensar que, apesar de seus vários benefícios e da sua presença crescente nas escolas particulares, a dança ainda carrega desafios significativos em relação à inclusão e a diversidade, especialmente quando se trata da participação masculina.

O *ballet*, em especial, é uma modalidade frequentemente associada a estereótipos de gênero, o que acaba por resultar na baixa adesão de meninos desta prática. A ideia de que o *ballet* é uma atividade exclusivamente feminina persiste em muitas culturas, reforçada por representações midiáticas e preconceitos sociais que limitam a expressão artística e corporal dos homens.

Essa falta de participação masculina no *ballet* não somente limita as oportunidades de desenvolvimento, mas também perpetua uma visão restrita e excludente da dança como um todo, visto que a ausência de representatividade masculina nessa modalidade apenas reforça os estereótipos vinculados a ela, como a comparação entre dança e feminilidade, dança e fragilidade, desencorajando muitas crianças e jovens a explorar seu potencial criativo e físico por meio dessa arte.

Além disso, a exclusão dos meninos no *ballet* reflete uma questão mais abrangente relacionada à construção social de gênero e à divisão de atividades consideradas “apropriadas” para homens e atividades apropriadas para mulheres. Enquanto as meninas são incentivadas a participar das aulas desde cedo, muitas vezes por motivação das mães, os meninos são direcionados para esportes considerados mais “masculinos”, como o futebol ou artes marciais. Essa segregação limita não apenas o repertório de experiências dos garotos,

mas também o próprio progresso da dança como arte, que se beneficia da diversidade de corpos, expressões e perspectivas.

Diante desse cenário, é urgente repensar as práticas pedagógicas e culturais que excluem os meninos do *ballet*. A escola desempenha um papel fundamental na construção de saberes, conhecimentos e valores, no entanto, muitas vezes ela tem sido ambiente de intensificação de estereótipos, demarcando espaços e práticas destinadas para meninas e meninos. Há um esforço de algumas instituições para quebrar essas barreiras de gênero, mesmo encontrando resistência na maioria das vezes por parte dos pais. Como afirmam Morandi e Strazzacappa (2012), a dança, quando acessível a todos, transforma não apenas o indivíduo, mas também a sociedade.

Diante do exposto, esta pesquisa parte do seguinte problema: quais são os fatores que contribuem para a baixa adesão de meninos nas aulas de dança, nas escolas privadas “Colégio Integração e escola Flor do Campo” em Aracaju-SE, e como esses fatores perpetuam estereótipos de gênero? Em razão deste questionamento, este estudo tem como objetivo geral pontuar e refletir sobre os aspectos que se apresentam como barreiras para a ausência de meninos nas aulas de dança em atividades complementares nas escolas, Colégio Integração e Escola Flor do Campo.

E como objetivos específicos:

- Examinar as políticas e práticas educacionais adotadas pelas escolas privadas Colégio Integração e a Escola Flor do Campo de Aracaju/SE, na intenção de verificar se há apoio à participação de meninos nas aulas de dança.
- Investigar sobre a percepção dos familiares sobre a presença masculina no *ballet*.
- Sugerir estratégias inclusivas para incentivar a equidade de gênero.

Com base nisso, a motivação para a escolha do tema surgiu a partir das experiências vividas como docente e na necessidade de impulsionar a reflexão acerca da participação de meninos em aulas de dança na escola. A relevância da pesquisa reside em seu potencial para ampliarmos o debate acadêmico sobre dança, sexualidade e gênero de modo a pensarmos em estratégias pedagógicas de inclusão de meninos nesse universo, na perspectiva de quebrarmos barreiras sociais e culturais, promovendo a inclusão e a igualdade de gênero na educação, desconstruindo estereótipos que limitam a participação de meninos nas aulas de dança.

1.1 O ensaio metodológico

No contexto educacional atual, onde a cultura e a opinião social desempenham papéis cada vez mais importantes, a presença de alunos do sexo masculino nas práticas de dança, mais especificamente *ballet*, tem sido historicamente escassa, refletindo uma série de estigmas sociais que perpetuam a ideia de que a dança é uma atividade predominantemente feminina.

Para responder a problemática levantada neste estudo, foi realizada uma pesquisa de campo do tipo descritiva com abordagem qualitativa, com o objetivo de investigar os possíveis fatores culturais e sociais que limitam a inclusão masculina em aulas de dança nas escolas privadas Colégio Integração e Escola Flor do campo localizadas em Aracaju/SE.

Posto isso, o estudo se trata de uma pesquisa empírica, que segundo Gil (2019, p.42), “baseia-se na observação e na experimentação, buscando respostas para questões específicas a partir de dados coletados diretamente da realidade”. A pesquisa é de natureza descritiva e utiliza uma abordagem qualitativa, conforme proposto por Bogdan e Biklen, (1977, p.16), “A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos.” A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender, de maneira contextualizada e profunda, as concepções, vivências e discursos envolvidos nas práticas educacionais de dança, especialmente no que diz respeito à participação de meninos em aulas de dança.

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: a observação e as entrevistas semiestruturadas. As observações ocorreram durante as aulas de dança, com foco em analisar a relação, percepção e curiosidade dos meninos com a dança. As entrevistas foram conduzidas com três grupos: gestores das escolas, pais dos alunos e os meninos (participantes ou não das aulas de dança).

As observações foram registradas em um diário de campo, que serviu como um recurso reflexivo para a pesquisa. Isso facilitou uma análise mais detalhada dos comportamentos, sentimentos e recursos emergentes, além de oferecer registros contínuos da experiência de pesquisa.

O diário de campo é uma ferramenta importante para a autoanálise do(a) pesquisador(a), não sendo um texto completo, mas um material de análise de pesquisa, podendo haver partes que não serão mencionadas em publicações científicas, mas que devem ser consideradas durante a análise dos dados [...] (Weber, 2009, p.157).

A avaliação dos dados foi feita por meio da análise temática, que segundo Braun e Clarke (2006), essa técnica oferece um meio sistemático e flexível para identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados, possibilitando uma interpretação profunda das percepções

sociais e culturais envolvidas. Os dados foram transcritos e organizados em categorias temáticas, como estereótipos de gênero e preconceito social, falta de incentivo e estímulos, motivações e interesse das crianças. Os resultados da análise foram organizados de maneira a situar as descobertas no cenário educacional.

Além disso, a pesquisa foi fundamentada em uma revisão bibliográfica com base em autores como Isabel Marques (2003), que discute a dança na escola e relações de gênero, Diego Ebling do Nascimento e Mariângela da Rosa Afonso (2013), que abordam as relações de gênero e o preconceito associado à participação de meninos no ballet clássico, Giuliano Souza Andreoli (2011), que aborda as construções sociais de gênero e sexualidade na infância, Mezan (2008), por refletir sobre o conceito de preconceito, Domingues e Bandeira (2010), por refletir sobre a ausência da participação masculina na dança, Márcia Strazzacappa e Carla Morandi (2006), que abordam a educação da dança no contexto escolar a partir da questão de gênero.

A pesquisa aponta que a baixa adesão de meninos ao *ballet* é causada por estereótipos de gênero, resistência familiar e a segregação das atividades por gênero nas escolas. A associação da dança à feminilidade e a falta de modelos masculinos são fatores que dificultam a participação masculina. No entanto, observou-se uma conscientização crescente sobre a importância da inclusão de gênero na dança.

Foram propostas estratégias para superar esses obstáculos, como a linguagem inclusiva, diversificação do repertório artístico, criação de um ambiente acolhedor e atividades que incentivem a participação ativa dos meninos. Além disso, sugeriu-se parcerias com bailarinos masculinos e maior envolvimento das famílias.

Os Resultados indicam que, com a adoção dessas práticas inclusivas, é possível desconstruir estereótipos, promover a equidade de gênero e melhorar a autoestima dos alunos, tornando o ambiente escolar mais inclusivo e transformador. Contudo, é necessária a ação das gestões escolares para que essas mudanças sejam efetivas.

2 ENTRE PLIÉS E PRECONCEITOS

Este capítulo procura discutir a relação entre o *ballet* e os estereótipos de gênero, levando em conta as barreiras culturais e sociais que dificultam a participação masculina nesta prática artística, para compreender o que é o *ballet*, é necessário contextualizar sua origem e como foi vinculado aos estereótipos de gênero.

O *ballet* é uma forma de manifestação cultural cuja prática pode ser encontrada em diversas partes do mundo e suas diversas escolas como: cubana, francesa, americana e russa servem de referência para o trabalho técnico feito em variados grupos. A maioria das pessoas acham que o *ballet* surgiu na França, mas na verdade sua origem vem da Itália durante o período renascentista. Foi criado espetáculos que foram apresentados nas festas aristocratas para o entretenimento da nobreza, no entanto, foi na França que teve seu início histórico datado por volta de 1581 na sala *Le Petit-Bourbon*², foi apresentado o *Le Ballet comique de la reine*³ (O Balé cômico da rainha), criado pelo coreógrafo Balthasar de Beaujoyeulx sendo de linguagem dramática. Mas foi durante o reinado de Luiz XIV que se consolidou como uma arte formal. O próprio rei, conhecido como “Rei Sol”, era um entusiasta e praticante do *ballet*, algo que ajudou a elevar o status da dança. Naquela época, os papéis masculinos eram predominantes, e os homens eram vistos como os grandes intérpretes e coreógrafos (Portinari, 1989).

No entanto, ao longo dos Séculos, especialmente no século XIX, o *ballet* passou por uma transformação significativa, a representação feminina tornou-se relevante, com bailarinas como a Marie Taglioni, uma figura central do *ballet* romântico, e Fanny Elssler que introduziu a dança folclórica, conquistando o público com sua técnica e graça. O romantismo na arte reforçou a ideia da mulher como símbolo de delicadeza e leveza, enquanto os homens foram gradualmente relegados a papéis de suporte, como parceiros e personagens secundários. Essa mudança cultural contribuiu para a associação do ballet com a feminilidade, criando um estereótipo que persiste até os dias de hoje (Portinari, 1989).

Essa percepção gerou barreiras significativas para a participação masculina no *ballet*. Meninos e homens que se interessam pela dança muitas vezes enfrentam preconceitos enraizados, como a ideia de que o *ballet* é uma atividade “apropriada” apenas para mulheres. Para Mezan (1998, p. 226) “preconceito é o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo”. De acordo com Domingues e Bandeira (2010), a ausência dos homens no cenário da dança ocorre porque essa prática envolve certa sensualidade e leveza, características culturalmente atribuídas às mulheres.

² *Le Petit- Bourbon* era a antiga casa parisiense da casa real Bourbon, sendo a maior do que qualquer sala do Louvre.

³ *Le Ballet comique de la reine* foi considerado o primeiro ballet, criado na França em 1581 pelo violinista e coreógrafo Balthasar de Beaujoyeulx.

Esses estereótipos de gênero são reforçados por representações midiáticas, falta de incentivo familiar e até mesmo pela falta de modelos masculinos na área.

No entanto, é importante destacar que o *ballet exige* força física, disciplina e resistência, características que desafiam a noção de que se trata de uma prática exclusivamente delicada ou feminina. O *ballet* clássico é considerado uma forma de arte altamente desenvolvida (Hass, Plaza e Rose, 2000). Grandes nomes do *ballet*, como o russo Rudolf Nureyev e Mikhail Baryshnikov, demonstraram ao longo da história que a dança é uma expressão artística que transcende gênero, exigindo tanto técnica quanto paixão, independentemente de quem a pratica.

2.1 Tutus e tabus: as barreiras culturais e sociais

A relação entre dança e gênero é profundamente influenciada por construções culturais que associam práticas corporais e estereótipos de masculinidade e feminilidade. No caso do *ballet* clássico, essa distinção é ainda mais evidente, pois a modalidade foi ao longo da história se consolidando como uma prática predominantemente feminina, reforçando ideias de delicadeza, leveza e graciosidade como elementos centrais dessa arte. Essa construção social cria desafios significativos para a participação masculina, resultando em uma baixa adesão de meninos no *ballet*.

Para Nascimento e Afonso (2013), às relações de gênero e o preconceito associado à participação de meninos no *ballet* clássico está frequentemente associado ao *ballet* ser exclusivamente uma arte pertencente ao universo feminino, levando à suposição de que meninos que praticam essa arte seriam homossexuais. Esse estigma resulta no afastamento de muitos garotos que poderiam se interessar pela dança.

A partir dos Estudos Feministas, Culturais e de Gênero, Andreoli (2011), reflete como se articula a relação dos meninos com a dança, em que aborda as construções sociais de gênero e sexualidade na infância, analisando como essas construções influenciam a participação de meninos na dança e as possíveis implicações para sua expressão de gênero e identidade sexual. Para ele as relações de gênero e sexualidade na infância, vão ser determinadas por normas culturais que influenciam práticas corporais de meninos em atividades como *ballet* em uma menor proporção, e no hip-hop com uma maior adesão masculina.

A educação corporal é permeada por discursos normativos que direcionam meninos para atividades consideradas “masculinas”, como esportes de contato, enquanto as meninas

são incentivadas a práticas associadas à suavidade e à expressão artística. Desde a infância, há um condicionamento social que desestimula a presença de meninos no *ballet*, criando barreiras culturais que influenciam suas escolhas e permanência na dança. Essa segregação é reforçada pela falta de incentivo e pela estigmatização de práticas artísticas consideradas “femininas”.

No ambiente escolar, a dança é frequentemente oferecida como uma atividade extracurricular voltada principalmente para meninas. Como aponta Strazzacappa e Morandi (2006), “a oferta de dança nas escolas ainda é marcada por uma divisão de gênero, em que meninas são incentivadas a participar, enquanto meninos são desencorajados por medo de estigmatização”. Essa abordagem reforça a segregação de gênero e limita o acesso de meninos a essa forma de expressão artística. Além disso, o preconceito social e a estigmatização da manutenção de um cenário excludente, em que meninos que se interessam por *ballet* enfrentam resistência e discriminação.

A influência da família também desempenha um papel crucial nesse contexto. A identidade de gênero é construída por meio da repetição de normas culturais, o que significa que meninos que demonstram interesse pelo *ballet* podem enfrentar resistência dentro de casa.

Segundo Marques (2003, p. 117), “nosso corpo é a expressão de nosso gênero, etnia, faixa etária, crenças espirituais, classe social”, o que evidencia como as normas culturais moldam as percepções sobre quem pode ou não praticar determinadas atividades. Muitas famílias, baseadas em concepções tradicionais, associam a dança a comportamentos incompatíveis com o ideal masculino vigente, resultando em desestímulo ou até mesmo proibição da prática.

Essa resistência familiar é um dos principais obstáculos para a inclusão de meninos no *ballet*. Além disso, como aponta a autora, “o processo educativo não poderia destruir a nossa criança interior” (Marques, 2003, p. 113), reforçando a importância de um ambiente que respeite e incentive as expressões individuais, independentemente das expectativas sociais relacionadas ao gênero.

Os meios de comunicação também têm um papel significativo na perpetuação dos rótulos de gênero na dança. Representações midiáticas frequentemente reforçam a figura do bailarino como uma exceção ou questionam sua virilidade, o que desmotiva muitos meninos a ingressarem nessa prática por medo ou vergonha de sofrer discriminação. A falta de representação de bailarinos masculinos na mídia contribui para a manutenção de um imaginário social que associa a dança exclusivamente ao feminino.

No entanto, segundo o estudo de Marques (2018), o ensino da dança pode ser uma ferramenta fundamental para desconstruir estereótipos e promover a inclusão, garantindo que meninos e meninas tenham acesso igualitário a essa forma de expressão. A autora enfatiza a importância de reformular a linguagem utilizada nas aulas, ampliar o repertório artístico e apresentar referências masculinas na dança, de modo a normalizar a presença de meninos no *ballet*.

Portanto, compreender as barreiras culturais e sociais que afastam os meninos do *ballet* é essencial para promover mudanças estruturais no ensino de Arte na escola, e criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos. A superação desses desafios passa pelo envolvimento de professores, famílias e instituições educacionais na desconstrução de concepções pré-estabelecidas e na valorização da dança como uma prática livre de imposições de gênero. A dança deve ser vista como uma forma de expressão universal, capaz de transcender as limitações impostas pelas normas de categoria social e de enriquecer a vida de todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

3 O PALCO DA PESQUISA: CONTEXTUALIZANDO A REALIDADE LOCAL

Este capítulo apresenta uma descrição detalhada das escolas “Flor do Campo” e “Colégio Integração”, e os dados coletados nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com pais, alunos e gestores. A análise tem como objetivo compreender os desafios e as barreiras que influenciam a participação dos meninos nas aulas de *ballet*, além de discutir a importância da desconstrução dos estereótipos de gênero dentro do ambiente escolar e familiar. A partir dos relatos coletados, busca-se identificar estratégias para promover uma maior inclusão dos meninos na dança, contribuindo para a construção de um ambiente mais equitativo e diversificado.

3.1 Onde a dança acontece

A pesquisa foi realizada em duas escolas particulares de Aracaju/SE: o Colégio Integração e a Escola Flor do Campo. Ambas oferecem ambientes atrativos e acolhedores, com área aberta, piscina, brinquedoteca e várias atividades extracurriculares incluindo o *ballet*, ministrado por mim. No entanto, a participação masculina é praticamente inexistente, refletindo uma tendência já observada em outros contextos educacionais, tanto em nível

nacional quanto internacional. Entretanto, é importante ressaltar que ambas as escolas investigadas têm uma porcentagem maior de meninos matriculados em relação às meninas.

Na Escola Flor do Campo, há 10 alunas matriculadas nas aulas de *ballet*, enquanto nenhum menino participa da atividade. Essa ausência masculina é um reflexo claro que os estereótipos de gênero associam o *ballet* à feminilidade. Apesar da escola parecer promover um ambiente diversificado e inclusivo em outras áreas, a dança ainda é vista como uma atividade feminina, o que limita o interesse masculino.

Já no Colégio Integração, a situação é semelhante: há 6 meninas matriculadas nas aulas de *ballet* e nenhum menino participa, número esse de matrículas que alterna a cada ano. A escola conhecida também por seu ambiente acolhedor e inclusivo, já promove alguns eventos que visam a inclusão, como apresentações de fim de ano e eventos festivos ao longo do ano, mas ainda carece de um incentivo mais robusto para engajar os meninos nas aulas. A ausência masculina nas aulas de dança demonstra uma resistência, em parte, às práticas culturais estabelecidas dentro da própria instituição.

Ambas as escolas reconhecem parcialmente a importância da dança, mas a realidade mostra que há um longo caminho a percorrer para alcançar uma verdadeira equidade na participação entre meninos e meninas.

3.2 Pais na plateia

Os relatos dos familiares entrevistados demonstram que a escolha pela dança, especialmente o *ballet*, ainda é profundamente influenciada por valores culturais e tradicionais que reforçam essa modalidade como uma prática feminina. Muitos pais demonstram resistência ou hesitação ao permitir que seus filhos ingressem nas aulas de dança, principalmente por acreditarem que essa atividade pode ser vista como uma expressão de fragilidade e feminilidade e de homossexuais.

Por exemplo, no depoimento da mãe de um aluno da escola, Flor do Campo, ela comentou: “Meu marido fala: o *ballet* é para meninas”, refletindo o pensamento tradicional ainda presente em muitas famílias. Esse tipo de resistência pode ser observado em várias situações, onde a figura do homem forte é associada a outras atividades físicas, como o futebol, enquanto o *ballet* é desconsiderado por sua ligação com a dança clássica e sua representação feminina na sociedade.

Essa percepção também foi reforçada pelos depoimentos de mães que mostraram um certo desconforto ao ver seus filhos se interessando pelo *ballet*, associando a dança a

estereótipos de gênero. “Falta os pais e as mães incentivarem as crianças. Justamente por isso, porque o *ballet* está encaixado muito como uma dança feminina”, afirmou uma das mães entrevistadas. Esses relatos indicam como os valores tradicionais ainda moldam as decisões familiares em relação às atividades extracurriculares dos filhos.

No entanto, é importante destacar que alguns pais já demonstram mudanças de mentalidade. Por exemplo: um dos pais entrevistados afirmou: “eu acho importante que meu filho tenha contato com diferentes formas de arte, inclusive a dança. Ele gosta de se expressar, e o *ballet* é uma forma dele explorar isso.” Esses exemplos positivos, embora ainda minoritários, mostram que há espaço para a transformação desses valores culturais.

3.3 O vazio na sala de aula

Além do impacto familiar, a ausência masculina nas atividades de dança também está relacionada ao ambiente escolar, e as suas práticas pedagógicas. A forma como a dança é apresentada, a linguagem utilizada pelos pais, a escola e até mesmo o próprio imaginário social construído em torno do *ballet* contribuem para reforçar a ideia de que a dança não é uma atividade para meninos.

Nos depoimentos coletados, foi possível perceber como os meninos, em sua maioria, já internalizam esses estereótipos desde a infância. “Eu não gosto de dançar com alguém me olhando”, disse um aluno expressando o desconforto de ser observado, especialmente em exercícios que envolvam expressões artísticas consideradas “femininas”. Outro aluno relatou que dança “escondido”, por vergonha de ser julgado, reforçando a ideia de que o ambiente escolar ainda não oferece total acolhimento para essas expressões artísticas.

A falta de modelos masculinos de dança contribui para essa percepção. As referências históricas e contemporâneas de bailarinos masculinos são muitas vezes negligenciadas, o que pode desmotivar meninos a se envolverem com a dança. A introdução de mais referências positivas e de divulgação de figuras masculinas importantes no mundo de *ballet*, como o bailarino Rudolf Nureyev ou o brasileiro Marcelo Gomes, poderia ajudar a romper com esses estigmas.

Além disso, a falta de estratégias pedagógicas que abordem os estereótipos de gênero nas aulas de *ballet* é outro fator importante. A escola necessita desenvolver abordagens mais inclusivas, trabalhando ativamente para desconstruir esses preconceitos através de exemplos práticos, como apresentações, campanhas de conscientização e discussões que promovam a igualdade de gênero da dança. A presença de meninos nas aulas de *ballet* depende não só do

incentivo familiar, mas também da mudança na forma como as escolas se apresentam e abordam a dança como uma forma de expressão universal.

3.4 Gestão sob os holofotes

Os depoimentos da gestão das duas escolas revelaram diferentes perspectivas sobre a inclusão de meninos no *ballet*, e o papel da escola nesse processo. Enquanto a gestora da escola Flor do Campo, enfatiza que a instituição incentiva a participação infantil na dança como parte do desenvolvimento motor, social e emocional, ela também reconhece que a resistência familiar ainda é um grande obstáculo. Para ela, o problema não está na falta de incentivo interno da escola, mas na ausência de estímulos externos, como o apoio das famílias e da sociedade e na valorização da dança para meninos.

Já a gestora do Colégio Integração, apesar de estar bastante confusa para responder as perguntas, descreveu um incentivo mais prático, com a comunicação frequente com os pais e a cobrança da participação dos alunos. Entretanto, ela afirma que nunca percebeu resistência por parte das famílias em relação à participação dos meninos no *ballet*, atribuindo a ausência deles a uma decisão individual das crianças.

Quanto aos fatores que contribuem para a presença escassa, a gestora da escola Flor do Campo reforça o peso da influência familiar e a necessidade da escola demonstrar os benefícios da dança. A gestora do Colégio Integração, por sua vez, atribui a ausência dos meninos apenas à falta de compromisso dos pais com a assiduidade dos filhos nas aulas.

Sobre a capacitação dos professores para lidar com estereótipos de gênero, a gestão do Flor do Campo afirma que a escola incentiva cursos e busca qualificação, apesar de que quando os professores foram questionados sobre o incentivo da escola, chegaram a negar, quanto a gestão do Integração admite que os docentes ainda estão aprendendo sobre o tema e necessitam de mais estudos.

Em relação a mudanças para atrair mais meninos para a dança, a gestora do Flor do Campo sugeriu diversas alternativas de estratégias para ampliar o interesse e quebrar preconceitos, já a gestão do Colégio Integração considera que a escola já fez o suficiente e que a decisão final cabe aos pais.

As escolas reconhecem a importância da inclusão de meninos no *ballet*, mas ainda atuam de forma limitada. A resistência familiar é um fator-chave, exigindo que a gestão adote as estratégias sugeridas.

4 NO RITMO DA DESCOBERTA

Neste capítulo, são apresentados os principais resultados obtidos na pesquisa de campo, bem como a discussão desses dados em relação ao referencial teórico estudado. O objetivo é compreender os fatores que influenciam a baixa adesão de meninos às aulas de *ballet*, especialmente nas escolas particulares de Aracaju/SE citadas ao longo da pesquisa, e propor estratégias para promover uma maior inclusão e equidade de gênero na dança. A partir das observações e entrevistas realizadas, foram identificados diversos desafios, que contribuem para a ausência de meninos nas aulas de *ballet*.

4.1 Descoberta dos bastidores

A pesquisa identificou vários fatores que contribuem para a baixa adesão de meninos nas aulas de dança. Entre os principais são os estereótipos de gênero, que associam a dança à feminilidade, desencorajando a participação dos meninos. A influência familiar também foi um fator relevante, com muitos pais, especialmente homens resistindo à ideia de que seus filhos pratiquem *ballet*. A falta de modelos na dança e a divisão de atividades por gênero nas escolas também foram apontados como obstáculos já que a dança é ofertada de forma segregada.

4.2 Quando a prática encontra a teoria

Os dados coletados afirmam as discussões teóricas apresentadas por autores como Marques (2003), Strazzacappa e Morandi (2006), que destacam a influência dos estereótipos de gênero da educação artística. A pesquisa reforça a ideia de que a dança, especificamente o *ballet*, é culturalmente associada à feminilidade, o que resulta nessa baixa adesão masculina. No entanto, algumas percepções familiares e escolares demonstram uma abertura para mudanças, indicando que há espaço para a desconstrução desses estereótipos.

Por exemplo, Andreoli (2011) discute como as construções sociais de gênero influenciam a participação dos meninos na dança, e os resultados da pesquisa corroboram essa ideia, mostrando que a resistência dos garotos ao *ballet*, está diretamente ligada a normas culturais e tradicionais. Além do mais, Nascimento e Afonso (2013) destacam o preconceito associado à participação de meninos na dança, o que foi amplamente observado nas entrevistas com pais e gestoras.

Todavia, a pesquisa também revelou que há uma crescente conscientização sobre a importância da inclusão de gênero na dança. Alguns pais e gestores demonstraram uma mudança de mentalidade, reconhecendo que a dança pode sim ser uma atividade benéfica para todos.

4.3 Mudanças em cena

A pesquisa demonstrou que a baixa participação masculina no *ballet* está profundamente enraizada em estereótipos de gênero e preconceito social. A inconsistência nas respostas de um dos pais, desmentida por uma das professoras, reforça a necessidade de um trabalho contínuo e consistente com as famílias para garantir que as mudanças de mentalidade sejam efetivas e duradouras. Além disso, a falta de ação por parte da gestão em implementar as mudanças sugeridas se torna um obstáculo significativo que precisa ser superado para que a inclusão de meninos no *ballet* se torne uma realidade. Entretanto, os resultados também indicam que há espaço para mudanças, especialmente com o envolvimento de escolas, famílias e comunidades. A implementação de estratégias inclusivas e a promoção de um ambiente acolhedor podem ajudar a desconstruir esses estereótipos e incentivar uma maior adesão de meninos na dança, resta apenas que a gestão tome as devidas providências para viabilizar as melhorias. A dança, como forma de expressão artística e educativa, deve ser acessível a todos, independentemente de gênero, e a escola tem um papel crucial nesse processo de transformação.

5 NO PASSO A PASSO DA MUDANÇA

Diante dos desafios identificados na participação masculina no *ballet*, é indispensável que as escolas adotem estratégias pedagógicas que promovem a inclusão e desconstruam estereótipos de gênero. Para isso é necessário repensar as abordagens didáticas, a linguagem utilizada nas aulas e a forma como a dança é apresentada no ambiente escolar, com o objetivo de encontrar soluções específicas para cada escola.

Ao adotar essas estratégias, as escolas não apenas ampliarão a participação masculina no *ballet*, mas também contribuirão para a formação de um ambiente mais igualitário e enriquecedor, onde a dança seja vista como um direito a todos, independentemente de gênero.

5.1 Coreografando um ambiente mais inclusivo

A forma como a dança é ensinada pode reforçar ou desconstruir estereótipos de gênero.

Os textos escritos por Laban enfatizam sobremaneira a possibilidade e a necessidade de a dança educar o ‘homem moderno’, as pessoas que vivem em sociedade e que estão constantemente submetidas a suas atrocidades. Laban enfatiza sobremaneira a importância de essa dança ser um meio para concretização dos ideários humanos que defendia. Ou seja, enfatiza radicalmente a importância da educação por meio da dança (Laban *apud* Marques, 2010, p. 76).

Com base nisso, é necessário agir implementando certos procedimentos didáticos inclusivos, a exemplo do uso de uma linguagem inclusiva, que evite associar o *ballet* exclusivamente a feminilidade, o ideal seria utilizar termos inicialmente neutros, como “alunos de dança”; diversificação do repertório artístico, incorporar referências masculinas na dança e incluindo diferentes estilos de dança, como hip-hop, jazz e danças folclóricas; criação de um ambiente acolhedor, promovendo um espaço seguro e livre de julgamentos, realizando atividades em grupo incentivando a cooperação; estímulos à participação ativa, envolvendo os meninos em atividades que valorizem suas habilidades e interesse, criando dinâmicas com movimentos mais desafiadores, com saltos e giros e permitindo os alunos a participar das aulas com ideias; parcerias com bailarinos masculinos, propondo apresentações nas escolas e o envolvimento dos pais, com reuniões e workshops que abordam a importância da dança no desenvolvimento integral dos alunos.

Como afirma Marques (2010, p.75) “dependendo de como for ensinado, o conhecimento em dança da arte em si poderá ou não tecer redes com conhecimento de si/mundo. Hoje, acredito que a escola é a interlocutora desse conhecimento e deve também prover possibilidades caso seja desejo do aluno”.

Assim, os benefícios gerados através das práticas inclusivas são de extrema importância para a desconstrução de estereótipos, o aumento da autoestima e a promoção da equidade. Nesse contexto, “se o processo de ensino acontecer de forma prazerosa, o desenvolvimento dos processos educacionais tende a envolver a dança como um dos meios de processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil” (Gaio; Patrício, 2021, p. 105).

Dessa forma, a implementação de metodologias inclusivas na dança não apenas beneficia o indivíduo, mas também transforma o ambiente escolar e por consequência a sociedade de um modo geral, tornando-o mais engrandecedor para todos, mas para que isso aconteça é necessário que haja ação e não apenas conscientização.

O GRAND FINALE

Esta pesquisa investigou os fatores que contribuem para a baixa adesão de meninos nas aulas de dança, especialmente no *ballet*, em escolas particulares de Aracaju/SE, com foco nas instituições Colégio Integração e Escola Flor do Campo. Os dados coletados evidenciam que a ausência masculina está fortemente ligada a estereótipos de gênero, preconceitos sociais e resistência familiar.

Os resultados confirmaram as discussões teóricas de autores como Marques (2003), Strazzacappa e Morandi (2006), e Nascimento e Afonso (2013), que destacam a influência dos estereótipos da educação em Arte. Além disso, a falta de modelos masculinos da dança e a segregação das atividades por gênero reforçam essa exclusão. A resistência familiar também se mostrou um fator determinante, com pais, principalmente homens, desencorajando a prática do *ballet* por seus filhos. No entanto, alguns relatos indicam uma mudança gradual de mentalidade, com pais reconhecendo a dança como uma atividade enriquecedora e benéfica para o desenvolvimento infantil.

O ambiente escolar também desempenha um papel importante nessa exclusão. A maneira como a dança é mostrada, a linguagem utilizada e a ausência de referências masculinas na modalidade dificultam a adesão dos meninos. Assim, a escola precisa agir e adotar as estratégias pedagógicas inclusivas, promovendo um ambiente mais acolhedor e estimulante.

Além do trabalho pedagógico, o envolvimento das famílias e da comunidade escolar é essencial para ampliar a participação masculina no *ballet*. A desconstrução dos estereótipos de gênero deve ser uma ação conjunta entre escola, pais, educadores e pessoal (indivíduo), promovendo um olhar mais inclusivo sobre a dança. A implementação dessas práticas não apenas incentiva a equidade de gênero, mas também transforma o ambiente escolar, tornando-o mais diverso e enriquecedor para todos.

Por fim, esta pesquisa reforça a necessidade de continuar debatendo a relação entre dança, gênero e educação. A inclusão de meninos no *ballet* não se trata apenas de ampliar o acesso à dança, mas de contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes, empáticos e preparados para uma sociedade mais diversa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Revista Movimento**. Porto Alegre. V. 17, n. 01, janeiro-março, 2011.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n.2, p. 77-101, 2006.

BOGDAN, R., e BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma abordagem para a prática e a pesquisa** (1. ed.). São Paulo: Editora Vozes, 1977.

DOMINGUES, Josiane Vian; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. Bailarinos na ponta pode: as masculinidades do ballet clássico. In: Simpósio Nacional de Educação Física, XXIX, 2010, Pelotas. **Anais do Simpósio Nacional de Educação Física**. Pelotas: ESEF/UFPel, 2010.

GAIO, Roberta; PATRICIO, Tamires Lima. **Dança na escola: reflexões e ações pedagógicas**. Curitiba- PR: Editora Bagai, 2021.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HAAS, A. N.; PLAZA, M. R.; ROSE, E. H. Estudo antropométrico comparativo entre meninas espanholas e brasileiras praticantes de dança. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.2, n.1, p.50-57, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da interna**. Disponível em: < <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>> Acesso em: 10 de Jan de 2025.

MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MARQUES, I. A. **Dança na escola: uma prática educativa**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

NASCIMENTO, Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.219-236, jan./jun.2013.

PORTINARI, Maribel. **História da Dança**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

RODRIGUES, Priscila de Oliveira; OLIVEIRA, Sidney; TAVARES, Jussara da Silva Rosa. A Dança e a Ludicidade: relato de experiência de processos de improvisação e composição coreográfica. **Anais do XI ENECULT**. Salvador, 2015.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a docência**. São Paulo: Papirus, 2006.

WEBER, S. **Pesquisa qualitativa**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

LISBOA, Ítalo Henrique; BALBINO, João Henrique; SILVA, José Carlos da; SANTOS, Rosane Muniz dos; BARROS, Williane Santos. **A origem do Ballet. Metodologia do Ensino da Dança na Educação Física**, Universidade Federal de Alagoas, Campus

ARTIGOS CONSULTADOS

DBPEDIA. Hôtel du Petit-Bourbon. Disponível em:
<https://dbpedia.org/page/H%C3%B4tel_du_Petit-Bourbon > Acesso em: 21 fev. 2025.

BRITANNICA. Ballet comique de la reine. Disponível em:
<https://www.britannica.com/topic/Ballet-comique-de-la-reine>> Acesso em: 21 fev. 2025.

NASCIMENTO, Diego Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. A participação masculina na dança clássica: do preconceito aos palcos da vida. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 219-236, jan./jun. 2013.

RESEARCHGATE. Circe ou le Ballet Comique de la Royne before Henry III at the Hôtel du Petit-Bourbon. Disponível em:
<
https://www.researchgate.net/figure/B-Circe-ou-le-ballet-comique-de-la-Royne-before-Henry-III-at-the-Hotel-du_fig18_388352638> Acesso em: 21 fev. 2025.